

Retórica e Economia: um balanço após os primeiros vinte anos¹

Ramón García Fernández²
Huáscar Fialho Pessali³

Resumo: Há mais de vinte anos um artigo pioneiro de D. McCloskey deflagrou o estudo do processo de argumentação, ou seja, da retórica, em economia. Diversos trabalhos foram e são feitos dentro dessa perspectiva. Neste artigo fazemos um balanço da evolução dessa abordagem metodológica. Para isso, começamos revisando brevemente a história da retórica, destacando sua importância na cultura ocidental até a idade moderna, a queda do seu prestígio especialmente no século XIX e começos do XX, e a retomada de seu impulso a partir da última metade do século passado. Estudamos posteriormente o surgimento do campo da retórica da ciência, fenômeno que deve ser compreendido à luz de uma nova atitude no estudo do conhecimento científico tanto na filosofia quanto nas ciências sociais, que tiraram a ciência e os cientistas de sua torre de marfim. Focalizamos, a seguir, especificamente o desenvolvimento da retórica da economia, e para isso tanto estudamos suas principais características teóricas quanto fazemos uma revisão de diversas análises desenvolvidas dentro desta perspectiva. Concluimos propondo uma maior atenção para os estudos aplicados dentro desta área, que permitam constituí-la como uma “ciência normal”.

Palavras-chave: Análise retórica – D. McCloskey – Retórica da Economia.

Abstract: More than twenty years ago, a seminal paper written by D. McCloskey launched the study of the process of argumentation, i.e., the rhetoric, of economics. Many works have been and are done within this perspective. In this paper we make a balance of the evolution of this methodological approach. So, we begin with a short review of the history of rhetoric, stressing its importance in Western culture up to the modern times, the fall of its prestige during the XIXth and beginnings of the XXth centuries, as well as the recovery of its momentum in the second half of the last century. We study later the emergence of the field of the rhetoric of science, which should be understood in the light of a new attitude concerning the scientific knowledge in philosophy and in the social sciences, which have placed science and the scientists outside of their ivory tower. We focus afterwards specifically on the development of the rhetoric of economics, and therefore we study both its main theoretic characteristics as well as we make a review of different analyses developed within that perspective. We

¹ Versões anteriores foram apresentadas no “Programa de Seminários de Filosofia e Economia em homenagem ao professor Antonio Maria da Silveira”, na UFRJ, bem como nos programas regulares de seminários dos Departamentos de Economia da UnB, da UFSC e do CEDEPLAR/UFMG. Os autores agradecem os comentários da audiência nessas apresentações, e em particular os de Fábio Freitas, de Mauro Boianovski e de Hugo Cerqueira.

² Escola de Economia de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas (FGV/EESP).

³ Departamento de Economia - Universidade Federal do Paraná (UFPR).

conclude proposing that a special attention should be given to the applied studies in the field, allowing it to develop as a “normal science”.

Keywords: Rhetorical analysis – D. McCloskey – Rhetoric of Economics.

Classificação JEL: B40 – A11.

As discussões metodológicas tradicionais em economia tratavam dos mais variados assuntos, compartilhando a maioria delas uma preocupação normativa. Ou seja, das perspectivas mais diferentes, a grande questão era qual seria a melhor maneira de se produzir conhecimento científico neste campo. Podemos afirmar que uma característica comum a estas pesquisas era a escassa atenção dada ao processo de argumentação, isto é, à maneira pela qual os economistas tentam convencer uns aos outros. Essa atitude parece bastante natural se considerarmos que as preocupações dos metodólogos partiam do pressuposto de que o importante era o resultado final e conclusivo do processo de conhecimento; não seria relevante, portanto, a maneira pela qual ele fosse alcançado.

Nesse sentido, uma preocupação inovadora foi introduzida em meados da década de 1980, especialmente através do trabalho pioneiro de Deirdre (então Donald) McCloskey. Esta autora destacou a importância do debate entre os economistas, denominando o estudo desse processo de argumentação como “retórica da economia” (McCloskey, 1983). Essa denominação, perfeitamente adequada ao conteúdo do seu trabalho, representava em certa medida uma faca de dois gumes. Por um lado, a palavra retórica permite vincular suas pesquisas a um campo do saber a respeito do qual se acumulou um vasto corpo de conhecimento que remonta à antiguidade clássica, e que apresenta hoje grande vitalidade, apesar de ter sido virtualmente ignorado, senão desprezado, durante boa parte dos dois séculos anteriores. Mas esta mesma razão faz com que a escolha possa ser considerada arriscada: essa atitude geral de apreensão em relação à retórica não sumiu, e muitas vezes a simples menção do seu nome pode provocar a desconfiança daqueles que entram em contato com ela pela primeira vez ou, paradoxalmente, promover o interesse por motivos errados (imaginar que seu objetivo é mostrar a maneira pela qual os economistas sistematicamente mentem).⁴

⁴ Houck (2002, p.137) levanta o mesmo ponto, ao afirmar que “...usar um termo tão provocativo como retórica para guiar a crítica econômica a partir da própria disciplina, é, pois, provocativo (...). Para a massa dos economistas, a retórica está muito longe do paradigma existente para ser algo acreditável”.

Discutiremos neste artigo quais são as características desta corrente da metodologia econômica denominada retórica da economia. Para tanto, discutiremos na primeira seção o que se entende por retórica, destacando sua longa tradição, que inclui a existência de algumas correntes que se colocam como adversárias há séculos. A segunda seção estuda o surgimento da retórica da ciência, um campo de conhecimento bastante novo e cujo simples nome teria sido considerado uma contradição em termos há poucos anos. Passamos então a uma terceira seção que focaliza as características específicas da relação entre economia e retórica. A quarta e última seção apresenta alguns trabalhos significativos para este campo de estudo, e faz um balanço sobre a trajetória e as perspectivas deste tipo de enfoque.

1. A idéia de retórica.

Existem muitas definições de retórica, mas vamos nos deter a algumas que trazem o seu entendimento mais comum em meio aos metodólogos da economia.⁵ Em geral, a retórica é entendida como o estudo da persuasão, portanto como “... a arte de descobrir crenças justificáveis e de melhorá-las através do discurso compartilhado” (Booth, 1974, p. xiii)⁶. Ou, com um matiz ligeiramente diferente, “A retórica é o uso de argumentos para persuadir nossa audiência numa conversa honesta (e o estudo disso)” (Mäki, 1995, p. 1303).

Nestas conceituações vemos que ,nem toda comunicação entra no âmbito da retórica: um sargento dando ordens aos seus soldados, um turista pedindo informações sobre o horário de um trem ou um vizinho desejando bom dia a outro utilizam a linguagem de uma maneira que ela não estuda. A retórica se volta às situações nas quais alguma pessoa está falando com outra(s) no intuito de persuadi-la(s) ou convencê-la(s) de algo. Tipicamente, este foco de interesse é denominado “situação retórica”, e que pode ser representada pelo triângulo retórico (Ramage *et al.*, 2003): em seus vértices encontram-se o orador, a audiência e a mensagem que aquele quer transmitir a esta. Essa visão tripartite vem do mundo grego clássico, berço da retórica, segundo a qual há três elementos (meios de persuasão, ou em grego, *pisteis*) que entram no processo de persuasão pela conversa. Um deles consiste nos argumentos racionais (o *logos*)

⁵ Para uma discussão mais ampla das definições de retórica, vide Covino & Joliffe (1995) e Gill & Whedbee (1997).

⁶ São nossas as traduções para o português de todas as citações feitas de trabalhos publicados em outras línguas.

empregados pelo orador. Do orador também também se considera o caráter e a credibilidade (seu *ethos*). E o terceiro fator que também afeta o impacto de um discurso são as emoções (o *pathos*) da audiência, na medida em que elas vierem a ser modificadas pelo orador.

As situações retóricas típicas do mundo clássico podiam ser as de um político defendendo um ponto de vista numa assembleia, o de um litigante apresentando sua perspectiva num julgamento (pessoalmente ou através de um advogado). Essa idéia inicial foi estendida posteriormente e hoje se entende que também a conversa entre poucas pessoas constitui uma situação retórica. Como mostra Nienkamp (2001), por exemplo, podemos entender perfeitamente que os seres humanos tomam suas decisões e formam juízos de valor através de processos mentais que podem ser vistos como uma retórica interna. Veja-se também que as situações típicas eram essencialmente debates orais; contudo, na medida em que a escrita foi se difundindo, a idéia de situação retórica estendeu-se também ao texto. Evidentemente, o tipo de interação entre os três elementos do triângulo neste caso é muito diferente, mas o que se mantém é o entendimento de que a escrita também permite que um autor persuade seus leitores através do uso de argumentos.

A má fama da retórica também vem do mundo clássico e certamente não faltam motivos para a desconfiança dos críticos. Evidentemente, a disciplina que pode ser utilizada para encontrar a melhor maneira de apresentar a causa de um inocente pode também ser usada para confundir o júri para deixar em liberdade quem é verdadeiramente culpado. Mais ainda, na origem dessa desconfiança está a idéia de que a verdade se impõe por si própria (é auto-evidente), mas a mentira só se sustenta através de técnicas de argumentação que distorcem os fatos. Algo parecido pode acontecer no debate político ou moral: face à força intrínseca dos argumentos justos ou corretos, só alguém motivado por ignorância ou por maldade poderia, empregando artimanhas verbais, opor deliberadamente argumentos injustos ou incorretos que poderiam conseguir confundir o público.

Perante essa atitude de desconfiança torna-se importante destacar, inicialmente, que as mais diversas ciências e artes, e não unicamente a retórica, podem ser utilizadas para o bem ou para o mal. Pode ser ainda mais importante lembrar que em todas as situações mencionadas no parágrafo anterior parte-se de uma clara divisão segundo a qual alguém sabe com certeza o que é verdadeiro, justo, correto, bom e belo e, portanto, tão só os tolos ou os malvados tentariam usar truques retóricos para defender o falso,

injusto, incorreto, mau e feio. Deveria resultar evidente, porém, que em muitíssimas circunstâncias nas decisões humanas cotidianas esses dois lados não estão perfeitamente definidos. Nessas situações, não há mais saída do que argumentar a favor ou contra determinada posição para tentar determinar o que é verdadeiro, etc. E nesse caso a arte que estuda como as pessoas argumentam, tentando achar maneiras melhores para fazer isso, é uma ferramenta indispensável para atingir os objetivos mais nobres.

A valoração positiva da retórica depende, portanto, de nossa maneira de avaliar o tipo de problemas com os quais nós, seres racionais, nos encontramos com maior frequência. Segundo Chaïm Perelman, provavelmente o nome mais importante do ressurgir da retórica no século XX, Aristóteles já tinha mostrado a existência de dois tipos de raciocínios que se aplicam basicamente a diferentes situações: os analíticos, que se aplicam à relação entre premissas e conclusões independentemente da verdade ou falsidade daquelas, e os dialéticos, nos quais as premissas são opiniões geralmente consideradas válidas num certo contexto cultural. Estes últimos, portanto, teriam o propósito de persuadir, apresentando argumentos mais ou menos fortes, mas que nunca seriam apenas formais (Perelman, 1993, p.21-2). Nesse caso, os argumentos a que recorreremos são mais ou menos plausíveis, mas não são garantidos. E quando raciocinamos a partir deles, chegamos a conclusões que também são sensatas, mas não absolutamente certas. Nesse caso, uma forma específica de estruturar o raciocínio, o silogismo, corresponderia a demonstrações formais, enquanto que os entimemas, argumentos cujas premissas são apenas prováveis, seriam os adequados à retórica.⁷

Estas considerações permitem destacar a afinidade entre a lógica e a retórica. Veja-se a esse respeito a seguinte afirmação do filósofo contemporâneo Richard Rorty (2006, p.70)

Alguns filósofos vêem uma diferença importante entre lógica e retórica (...) Eu não. Há, evidentemente, uma diferença entre argumentos bons e ruins, mas este é um problema da audiência para a qual o argumento é dirigido. Um argumento só é bom para o público que aceita suas premissas. Existe também uma diferença entre argumentos enunciados com sinceridade e argumentos enunciados quando nem quem os propõe os acha convincentes. E, claro, existe uma distinção entre os argumentos dedutivos que são válidos formalmente e os que não o são. Mas, feitas essas três distinções, não necessitamos nenhuma diferença adicional entre lógica e retórica.

⁷ Existem diferentes conceitos de entimema. Aristóteles os considerava como silogismos nos quais algumas das premissas ficavam implícitas; o conceito usado aqui está mais vinculado aos trabalhos contemporâneos de Perelman e de Lloyd Bitzer.

Portanto, deveria ter ficado claro que um assunto central para a retórica é a idéia de razão, desde que ela não seja identificada unicamente com a lógica e a demonstração⁸. Aqui cabe lembrar que, como afirma Stephen Toulmin (2001), do substantivo “razão” surgiram dois adjetivos, racional e razoável, que adquiriram significados muito diferentes, e a retórica encontra-se intimamente vinculada com a razão nesta última perspectiva. Em realidade, os defensores da importância da retórica sustentam que a razão em si própria é retórica (Brown, 1987). Assim, Covino & Joliffe (1995, p. 8) afirmaram:

A retórica não é o mesmo que a lógica, mas são campos de pesquisa afins. A lógica estuda a maneira pela qual uma cadeia de raciocínios leva das premissas a conclusões indiscutíveis. A retórica também estuda como os oradores e sua audiência raciocinam, indo das premissas às conclusões, mas encontra-se localizada no âmbito da incerteza e da verdade provável, no qual as conclusões são mais questionáveis do que indiscutíveis.

Podemos sugerir, portanto, de acordo com John O’Neill (1998), que a retórica é compatível com os dois maiores empreendimentos intelectuais criados pela humanidade para conhecer a verdade: a ciência e a filosofia.

2. Da retórica clássica à retórica da ciência.

O começo da reflexão sobre retórica encontra-se na Grécia clássica. Não temos aqui a pretensão de fazer uma história desta arte no pensamento da Europa Ocidental, o que já foi feito com competência por muitos outros autores (e.g. Conley, 1994). Vamos nos limitar a lembrar que os filósofos conhecidos como sofistas (entre eles Protágoras, Górgias e Isócrates) podem ser vistos como os iniciadores da retórica, enquanto Platão foi um de seus principais detratores. Aristóteles, embora lhe fizesse algumas restrições, também ajudou no seu desenvolvimento, e sua “Retórica” continua sendo uma referência fundamental para os estudiosos contemporâneos. No mundo romano, a obra de diversos autores, especialmente Cícero e Quintiliano, não só serviu como síntese das

⁸ Nesse sentido, Frank (2004) propõe que Perelman, como outros intelectuais que passaram pela experiência da Segunda Guerra, entendeu que o totalitarismo se caracteriza pela aceitação de premissas inquestionáveis a partir das quais se obtêm conclusões por uma cadeia lógica que não leva em consideração a experiência e que não dá margem para discussões. Ao contrário, para eles o costume de argumentar levaria a uma “aproximação das mentes” que seria uma barreira contra as atitudes totalitárias.

tradições gregas e latinas, senão foi a base do ensino da retórica nos séculos posteriores. Vale a pena destacar que para Quintiliano a avaliação de um discurso não ficava limitada às virtudes de seu conteúdo, mas era essencial considerá-lo à luz da credibilidade do orador, que devia ser um “homem bom, perito no falar”.

Se pudermos estabelecer uma regra geral, diríamos que quanto mais democrática é uma sociedade e/ou maior é o debate dos mais diversos assuntos e a pluralidade de perspectivas, maior tenderá a ser o papel da retórica como instrumento para desenvolver e defender idéias. Ao contrário, numa sociedade menos aberta a retórica tende a se tornar mais formalista, se concentrando mais nos aspetos de registro favorável de argumentos pouco expostos à prova. Nesse sentido, podemos dizer que isso aconteceu com a retórica medieval, posto que não produziu trabalhos essenciais para esta revisão, embora sua importância cultural fique demonstrada quando consideramos que ela formava parte da educação básica (do *trivium*) das universidades à época. Por esse mesmo princípio, podemos imaginar que a retórica teria um florescer com o humanismo renascentista, evidente em Erasmo e Montaigne. Contudo, a partir de Petrus Ramus e de seu discípulo, René Descartes, passou-se a considerar crescentemente que a retórica deveria se restringir a questões de estilo, deixando para a lógica os problemas de estudar a estrutura dos argumentos. E embora nos séculos XVIII e XIX o bel-letrismo britânico (representado p.ex. por George Campbell, Adam Smith, Hugh Blair e Richard Whately) tenha produzido obras influentes até nossos dias, podemos afirmar que, em termos gerais, o conhecimento avançou ao longo desse período num clima intelectual que se caracterizava crescentemente pelo que Philip Mirowski denominou “o vício cartesiano”, ou seja, considerar que “... o único raciocínio é o raciocínio formal e que o único pensamento é o pensamento consciente” (1988, p.140).

Esse clima intelectual de predomínio de um racionalismo absoluto relegou a retórica aos seus momentos de menor impacto intelectual. Como diz Toulmin (1990, p.83), “... a partir de 1650, os pensadores europeus foram tomados por um apetite por teorias universais e atemporais (...). Como um grande Moloch, este apetite por teoria consumiu todas as ramas da filosofia prática: ética casuística, política prática, retórica e tudo o mais”. A situação retórica dominante era a defesa do racionalismo absoluto, cujo resultado daria ao homem a liberdade através do verdadeiro domínio (via conhecimento racionalmente obtido) das forças naturais e sociais. Isto tudo ocorreu apesar do indiscutível avanço da democracia no período, mostrando que situações retóricas não são facilmente enquadráveis, como sugerimos logo acima.

Dessa maneira, ao escrever seu *Tratado da argumentação* em 1958, obra que viria ser a obra essencial para o ressurgimento da retórica em meados do século XX, Chaïm Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteca afirmaram que sua ênfase no termo retórica era uma tentativa de ressuscitar “uma tradição gloriosa e secular” (1989, p.36). A aceitação ampla da retórica em nossos dias sugere que eles foram bem sucedidos. Este ressurgimento certamente se deve a vários fatores, dentre os quais certas tendências de alguns círculos intelectuais relevantes.

Em primeiro lugar, deve-se mencionar que nas universidades dos EUA, especial mas não exclusivamente em seus departamentos de comunicação, tinha se mantido viva a tradição retórica ainda em seus piores momentos. Nomes como os de I.A. Richards e Kenneth Burke tinham brilho próprio no firmamento intelectual desse país. Além disso, e provavelmente mais importante, algumas mudanças na própria filosofia foram essenciais, entre as quais se pode destacar o “giro lingüístico” dos filósofos analíticos que a partir do começo do século XX tinham colocado a linguagem no centro de suas atenções, embora com o espírito diametralmente oposto à retórica, de tentar alcançar uma linguagem livre de imprecisões. Anos mais tarde, o trabalho de outros filósofos originários da tradição analítica (entre os quais é impossível não mencionar o “segundo” Wittgenstein⁹ e a Austin) desfez o sonho de que um dia seria possível chegar a uma linguagem logicamente pura que eliminaria todas as ambigüidades do saber humano.

Ao mesmo tempo, a idéia de que não existe uma base sólida para o conhecimento (que não existem fundamentos últimos para o mesmo) coloca a conversa que procura a verdade no centro do processo de produção do saber. A importância atribuída por esses motivos à conversa é uma característica comum a filósofos com formações muito diferentes (e que têm divergências importantes) como ocorre com Richard Rorty, cujas origens intelectuais o vinculam à filosofia analítica e ao pragmatismo norte-americano, e Jürgen Habermas, que trabalha dentro da Teoria Crítica vinculada ao marxismo da Escola de Frankfurt. Por estes mesmos motivos, outro importante movimento filosófico que também tem uma perspectiva compatível com a retórica é a corrente hermenêutica desenvolvida principalmente por Hans-Georg Gadamer e Paul Ricoeur. Por outra parte, o clima de crítica ao racionalismo cartesiano

⁹ De acordo com Nelson *et al* (1987b, p.9), Wittgenstein “...tentou inicialmente assimilar a linguagem às alegadas certezas da lógica e da matemática. Porém mais tarde ele desistiu dessa obsessão pela certeza, defendendo uma ênfase prática e retórica nas linguagens humanas vistas como jogos entre falantes, ouvintes e atores. A metáfora do jogo chama nossa atenção para o toma-lá da-cá, o levar e trazer, das argumentações reais”.

já vinha se desenvolvendo desde finais do século XIX e começos do XX, como o testemunham as obras de Nietzsche e de Heidegger.

Toda esta série de transformações na filosofia em geral acabou rompendo o consenso surgido na primeira metade do século XX no campo da filosofia da ciência em torno do positivismo lógico. Esta visão foi enfrentada por um grupo de autores com diferentes origens, que formariam conjuntamente a perspectiva do “crescimento do conhecimento”. Apesar de suas diferenças, pessoas como Thomas Kuhn, Imre Lakatos e Paul Feyerabend tinham em comum a atitude de pensar que observar o que os cientistas realmente fizeram e fazem é mais proveitoso para entender o funcionamento da ciência do que desenvolver princípios sobre como deveria ser o trabalho científico correto. Nesse sentido, começou a ser cada vez mais difícil separar a filosofia da ciência da história da mesma. Além disso, esta atitude de tratar a ciência como uma atividade humana como outras acabou estabelecendo contatos com outras áreas do saber, especialmente a sociologia da ciência. E embora os iniciadores desta ciência acreditassem que eles só poderiam estudar as características do trabalho científico externas ao mesmo (p.ex., a idade ou a religião dos cientistas), seus seguidores chegaram à conclusão de que o conteúdo das atividades dos pesquisadores estava tão sujeita à análise quanto qualquer outra atividade que eles desenvolvessem. Isto levou ao surgimento da Sociologia do Conhecimento Científico e, em termos mais gerais, de toda uma nova área de especialização, os Estudos de Ciência e Tecnologia. Um dos principais pensadores desta área, Stephen Fuller, propõe o que ele considera o mandamento fundamental da área (1993, p. 9): “A ciência deve ser estudada como qualquer outro fenômeno, ou seja, cientificamente (e não se baseando em forma acrítica em testemunhos de autoridades, evidências anedóticas e coisas semelhantes)”.

O ressurgir da retórica combinou-se com esta nova atitude em relação à ciência, agora fora de sua torre de marfim, e isso originou o estudo da argumentação em todos os âmbitos do conhecimento. O primeiro objeto de estudo foram as ciências humanas, e um dos mais importantes núcleos de discussão agrupou-se na Universidade de Iowa, ficando conhecido como Projeto sobre a Retórica da Pesquisa (cujas sigla é, em inglês, POROI – palavra grega que pode significar “maneiras” ou “caminhos”).¹⁰ Dentre os membros do POROI estava a iniciadora da retórica em economia, D. McCloskey.

¹⁰ Acerca da constituição do *Poroi*, veja-se McCloskey (1994a, p.16-7) e Harris (1997, p.xix-xxi). A coletânea de artigos de Nelson *et al* (1987) pode ser vista como o primeiro manifesto coletivo dos integrantes do programa.

Pouco mais tarde, as pesquisas superaram esses limites auto-impostos e entraram nas consideradas “ciências duras”. Este passo permitiu constituir um novo campo de pesquisa, a Retórica da Ciência, apesar de alguns autores terem mencionado que o discurso científico não poderia fazer parte de seus objetos de pesquisa (e.g. Bitzer, 1968). Todavia, um importante volume de trabalhos nesta área mostra que esse receio foi superado. Todos eles consideram evidente que não há diferenças significativas entre a maneira em que argumentam os cientistas e o resto das pessoas. Nas palavras de Alan Gross (1996, p.12), autor do primeiro texto de sistematização deste novo campo:

“Os raciocínios retóricos e científicos não diferem em gênero, apenas em grau. Nenhuma indução pode ser afirmada rigorosamente: todas cometem a falácia da afirmação do conseqüente (...). A certeza dedutiva é igualmente uma quimera: requereria a aplicação uniforme das leis do pensamento, que deveriam ser verdadeiras em todos os mundos possíveis (...). Dado que as lógicas da ciência e da retórica são diferentes apenas em grau, ambas são adequadas para as análises retóricas.”

É importante insistir em que a afirmação de que a ciência é retórica não representa um esforço por diminuí-la. Estamos de acordo com Bazerman (1988, p.321) quando diz que “... a persuasão está no coração da ciência, não numa de suas bordas menos respeitáveis. Uma retórica inteligente, praticada dentro de uma comunidade de investigadores séria, experimentada, conhecedora e comprometida, é um método sério de procurar a verdade”.

3. O projeto retórico em economia.

O desenvolvimento da retórica da ciência levou à proliferação de muitas “retóricas de” (como sugeriu John Lyne, 1998, p.4). Entre elas, uma das primeiras foi a retórica da economia, no que influenciou a presença de McCloskey em Iowa. McCloskey, chegada de Chicago poucos anos antes, publicou em 1983 seu primeiro artigo sobre retórica, o qual teve um grande impacto na profissão. Dois anos mais tarde publicou um livro que é basicamente uma versão estendida desse artigo combinado com outras publicações da autora (McCloskey, 1985). Nessas obras, ela sugeria que entre os economistas tinha se desenvolvido uma atitude algo esquizofrênica: ao trabalharem efetivamente em sua ciência o faziam muito bem, mas ao tentarem justificar metodologicamente seu trabalho apoiavam-se numa perspectiva filosoficamente

obsoleta que não era a que em realidade utilizavam. Pior ainda, se a tivessem usado, teriam paralisado completamente o desenvolvimento de sua ciência. Essa perspectiva, uma mistura de alguns elementos do positivismo lógico, do falsificacionismo e do instrumentalismo, é a que ela sintetizou com a palavra “modernismo”, caracterizado por sua ênfase em evidências objetivas, provas quantificáveis e análises positivas (McCloskey, 1983, p.486). Ela contudo afirmou que a maneira de discutir dos economistas não segue de jeito nenhum esses critérios e enfatizou a importância de estudar as formas pelas quais os economistas se convencem mutuamente.

Como já mencionamos, o clima intelectual da época favorecia o desenvolvimento deste tipo de estudos não apenas em Iowa. Efetivamente, nesse mesmo ano foi publicado um livro que estudava as polêmicas entre alguns dos principais macroeconomistas contemporâneos. Esse livro do economista holandês Arjo Klammer (1984) mostra, através de entrevistas com aqueles autores, que eles não se baseiam unicamente nos fatos comprovados que a metodologia oficial sugere, senão também o fazem numa variedade de razões, que vão de posições políticas a preferências estéticas. Ao mesmo tempo, mas sem atingir impacto internacional, o economista brasileiro Pêrsio Arida publicou um artigo que também enfatizava a importância de olhar as polêmicas na história do pensamento econômico de um ponto de vista retórico, ou seja, como discussões que não se resolviam apenas através da apresentação de evidências conclusivas. Em suas palavras: “Nenhuma controvérsia importante em teoria econômica foi resolvida através da mensuração empírica (...) não há regras comuns de validação que sejam aceitas por todos os participantes em controvérsias relevantes” (Arida, 2003, p.33). Este autor acabava de voltar ao Brasil depois de alguns anos no MIT, o que influenciou em sua aproximação com as idéias de retórica (apesar de não ter tido influência direta dos outros pioneiros desta perspectiva).

Os trabalhos iniciais de McCloskey provocaram um significativo rebuliço na comunidade dos economistas. Alguns, embora simpáticos à sua perspectiva, fizeram objeções a questões específicas, mas outros criticaram duramente a perspectiva em seu conjunto. Alguns dos momentos mais importantes de estas polêmicas iniciais foram os debates que ocorreram no Wellesley College em 1986 (depois publicados como Klammer *et al.*, 1988) bem como os *papers* editados no periódico *Economics & Philosophy* (vol.4, nº1, de 1988). Mais tarde foram lançadas outras duas obras coletivas (Samuels, 1990 e Henderson *et al.*, 1993) refletindo o crescente interesse dos economistas por

questões relacionadas à sua forma de argumentar. McCloskey também publicou outros livros (1990, 1994a, 1996 e 2000) desenvolvendo sua perspectiva.

Apesar das polêmicas às vezes muito calorosas que provocou, não consideramos que o projeto retórico em economia represente uma visão extremamente construtivista.¹¹ McCloskey não crê que a realidade seja criada pela linguagem, e portanto afirma que “... alguém que não seja um realista ao menos em parte do tempo não pode atravessar a rua sem ser atropelado” (1995, p.1320). Ela enfatiza que todo tipo de argumentos (inclusive os “duros”: dados, teoremas, regressões, etc.) são utilizados em nosso esforço por convencer. Sua idéia de ver a retórica como o conjunto da argumentação, do silogismo à burla, e não apenas como o que restou após a lógica e as evidências terem feito seu trabalho (1994b, p.16-17), ajuda a compreender o que ela quer dizer com essa palavra. Mas, dado que não existe o teste definitivo que permita decidir quem tem razão, ela sugere que as disputas não podem ser resolvidas por discussões metodológicas, senão através de conversas honestas.

Enfatizar a importância do acordo na conversa não significa, porém, esquecer a verdade. Mas McCloskey introduz uma diferença fundamental entre a ‘verdade’ com minúscula, “aquela que é mais feita do que achada”, e a ‘Verdade’, com maiúscula, “encontrada na mente de Deus” (1994a, p.211). Para ela, a ‘verdade’ é um conceito importante, porque “existe algo como uma verdade objetiva, o acordo que todos fazemos para o propósito de navegar no mundo e na sociedade (....) O problema é que não parece haver maneira de saber se atingimos a Verdade Objetiva, com V e com O maiúsculas” (1994a, p.319). Ao contrário, a procura da Verdade com maiúscula quase sempre traz problemas: “A própria idéia de Verdade – algo com V maiúscula, algo além do que é meramente persuasivo para todos os que têm relação [com um assunto], é uma quinta roda, que não é funcional exceto quando se solta e bate num espectador” (1985, p.46-7). Em sua visão, é mais interessante dizer se algo é ‘correto’ para alguma finalidade do que dizer se é ‘verdadeiro’. Por isso ela lembra a argumentação de Austin (1975) em torno da frase “A França é hexagonal”, para sustentar que não se ganha nada propondo que uma afirmação é verdadeira ou falsa sem que se saiba o contexto no qual isso está sendo dito.

¹¹ O conceito de “projeto retórico” não foi empregado por McCloskey, mas foi cunhado numa entrevista de Arjo Klamer a Young Back Choi (1991, p.132). Nós o usamos aqui porque entendemos que mostra que o estudo da retórica da economia é um campo aberto que vai e deve ir além das brilhantes contribuições originais dos seus pioneiros.

Não é qualquer conversa, porém, que permite o avanço da ciência. Para que uma conversa seja frutífera, seus participantes devem seguir certas regras de conduta que permitam o desenvolvimento de um processo racional de persuasão mútua. Segundo McCloskey, essa idéia se encontra na obra de Jürgen Habermas com o nome de “ética do discurso”.¹² Estas regras formam um conjunto que aparentemente não provoca maiores controvérsias: “Não minta; preste atenção; não se burle; coopere; não grite; deixe os outros falarem; tenha uma mente aberta; se explique quando isso lhe for solicitado; não recorra à violência ou à conspiração para ajudar suas idéias” (McCloskey, 1994a, p.99).

Ainda assim, quando participamos de uma conversa deste tipo muitas vezes os desacordos persistem. Todavia, nas ocasiões (muitas ou poucas) em que os participantes alcançam um acordo, eles podem afirmar conjuntamente que entendem que certo fenômeno pode ser caracterizado de tal maneira. Por exemplo, eles podem dizer que “estamos de acordo em que E é uma característica de X”. Se for geralmente reconhecido que esse é um grupo competente no estudo de X e de E, podemos reduzir a frase para “E é uma característica de X”. Nesse caso, podemos estender essa afirmação à frase equivalente “É verdade que ‘E é uma característica de X’”. Nessa perspectiva, a verdade é o consenso ao que chegamos (se e quando chegamos) numa conversa honesta¹³.

Esta visão sobre a verdade, em economia ou em qualquer outro âmbito, tem sido muitas vezes mal recebida porque se entende que aceitar um consenso de especialistas como a verdade transformaria esta em algo relativo (“Se ontem a comunidade científica aceitava A, e hoje o oposto de A, significa isso que antes A era verdadeiro e que hoje já não o é mais?”). Nesse espírito, Park e Kayatekin (2000) dizem que McCloskey estaria misturando duas noções muito diferentes de “padrões de conversa”, uma habermasiana, cujas normas éticas decorreriam de uma ética universalista que permite falar de meta-regras transcendentais, e uma rortyana, cujos padrões dependem de um acordo da comunidade (uma ética neo-aristotélica). Segundo essa crítica, a validade de um enunciado seria algo diferente de sua aceitação para Habermas, mas não para Rorty e McCloskey. Entendemos que esta crítica tem dois problemas: em primeiro lugar, para McCloskey (e, segundo ela, para Habermas) as regras que permitem que ocorra uma

¹² McCloskey diz que essa idéia se encontra em Habermas (1975).

¹³ Esta visão de verdade como consenso é uma herança da tradição pragmatista norte-americana que afirmava, com Peirce, que a verdade é o limite ao qual converge a crença de uma comunidade científica sobre um assunto, através de uma investigação continuada. Como enfatiza Bernstein (1983, p. 77), aqui a característica essencial desta tradição é sua ênfase no caráter comunitário do conhecimento. A relação entre a retórica e o pragmatismo americano se encontra desenvolvida em Gala *et al.* (2006).

boa conversa são muito genéricas, e nesse sentido são válidas em qualquer tempo e lugar; se aplicam a conversas que pretendem fazer avançar o conhecimento entre médicos, economistas ou alquimistas no Egito dos faraós, na Florença renascentista e numa universidade europeia contemporânea. Mas, ao contrário, ao sair do nível das meta-regras para o do conhecimento concreto, tanto as premissas das quais se parte como a idéia do que constitui uma evidência aceitável e, portanto, também a noção do que pode ser aceito como verdadeiro, são completamente específicas para cada uma dessas comunidades historicamente localizadas. Por isso, entendemos que não é contraditório defender ambas as perspectivas, porque entendemos que são complementares e não substitutas.

A crítica ao consenso como único critério de verdade é válida, porém, porque caso contrário poder-se-ia justificar qualquer acordo, inclusive um obtido pela força (baseado numa simples maioria numérica ou em diferenças de poder de um grupo minoritário sobre o resto). Com efeito, a única maneira em que uma comunidade científica pode descobrir seus erros é expor-se às críticas. Portanto, o consenso alcançado pela força não é o consenso a que Rorty e McCloskey se referem, porque é conseguido através de uma violação da ética do discurso. Como sugere Balak (2006), isso mostra a centralidade da questão ética para McCloskey: sem uma comunidade científica que siga altos padrões éticos, o conhecimento não pode avançar. Entendemos que isso pode ser exemplificado se pensarmos numa comunidade de cientistas que viola as normas éticas ao não abrir espaço para as vozes divergentes: na melhor das hipóteses, eles podem registrar circunstancialmente algum avanço, mas nunca saberão quando estão equivocados se calam aqueles que gostariam de falar que o rumo está errado.

4. Um balanço sobre a situação do projeto retórico.

Transcorridos mais de vinte anos da publicação dos primeiros textos discutindo a relação entre retórica e economia, podemos afirmar que o impacto do projeto retórico tem sido grande, mas talvez não tanto quanto aparentava ser no seu começo. Praticamente todos os estudos contemporâneos sobre metodologia da economia referem-se a esta perspectiva, e ainda os oponentes mais frontais sentem-se na obrigação de parar para criticar suas propostas. Todavia, o número de trabalhos enquadrados nesta perspectiva tem sido bastante modesto e os investigadores em economia que com ela se identificam são poucos. Para formar um quadro mais

detalhado desta situação, comentaremos a seguir alguns trabalhos que usaram a perspectiva retórica em economia. Esta análise não é exaustiva e pretende apenas dar uma amostra do tipo de trabalho que é feito na área.

Alguns autores empregaram a perspectiva retórica para fazer um corte temático, estudando assuntos específicos em teoria econômica. Por exemplo, William Milberg (1996) analisa, através de uma tipologia que ele elabora, os argumentos que permitem passar da teoria às recomendações de política no campo do comércio internacional, tomando como objeto de estudo os artigos publicados em alguns periódicos em anos selecionados. Metin Cosgel (1996) combina a perspectiva retórica com a análise dos tipos de narrativas propostos pelo crítico literário Northrop Frye para estudar a desapareição do empresário empreendedor (*entrepreneur*) na economia neoclássica comparando-a com sua importância em outras correntes teóricas.¹⁴ Conste que a literatura especializada não foi o objeto único de análise; também a argumentação dos livros-texto em economia foi estudada, como por exemplo em George (1990) e em Klamer (1990).

Outro tipo de trabalho mostra a importância da perspectiva retórica para toda uma corrente de pensamento. Tal é o caso do artigo em que Milberg & Pietrykowski (1994) recomendam que os economistas marxistas se aproximem da retórica (e de outras correntes pós-estruturalistas) não só para melhorar sua teoria, mas também porque consideram que estas visões filosóficas são muito mais compatíveis com o marxismo do que com a ortodoxia.

Uma das vertentes mais desenvolvidas foi a de trabalhar com as obras de um determinado autor, seja analisando um trabalho específico, seja considerando diversos escritos seus. Este tipo de trabalho já se encontra no livro pioneiro de McCloskey (1985), especialmente nos capítulos dedicados a John Muth, a Ronald Coase e a Robert Fogel, embora também a autora dedique seções mais curtas a Gary Becker e a Robert Solow, entre outros autores.

Os estudos sobre a retórica da economia no mundo ibero-americano não têm sido muito abundantes, exceção feita ao caso do Brasil, onde um pequeno grupo de

¹⁴ A importância do estudo da argumentação fazendo um corte temático através de distintos autores e escolas também se verifica no caso de metodólogos que não se referem aos trabalhos de McCloskey e seus seguidores, como é o caso do estudo de Andy Denis (2004) sobre duas estratégias retóricas para defender o *laissez-faire*. Entendemos que isto mostra que a idéia da relevância do estudo da argumentação atingiu círculos que não necessariamente têm vínculos e/ou são simpáticos ao projeto retórico.

pesquisadores trabalhou nos últimos anos dentro desta perspectiva.¹⁵ Alguns estudos monográficos sobre autores específicos merecem ser lembrados, entre eles os artigos de Bianchi & Salviano Jr. (1999) e de Bianchi (2002), focalizando alguns textos de Raúl Prebisch; o de Gala (2003), sobre a obra de Douglass North; os de Anuatti (2003) e Vieira (2007), sobre Keynes; a tese de Araujo (2006), estudando algumas das principais obras de Schumpeter; o artigo de Monastério & Fernández (2008) sobre Robert Putnam; e os diversos trabalhos de Pessali & Fernández sobre a obra de Oliver Williamson (Fernández & Pessali, 2003; Pessali, 2006; Pessali & Fernández, 2008). Deve ser também mencionado o artigo em que Aldrighi & Salviano Jr (1996) ironicamente apontam as armas da análise retórica contra o artigo pioneiro de McCloskey. O instrumental retórico tem sido empregado também para estudar algumas controvérsias, como o artigo de Dib (2003) sobre a que envolveu na década de 1940 dois dos grandes nomes da política e do pensamento econômico brasileiros, Roberto Simonsen e Eugenio Gudín. Cabe agregar, finalmente, a existência de dois volumes integrados por entrevistas com alguns dos principais economistas brasileiros (Biderman *et al.*, 1996; Mantega & Rego, 1999), certamente inspirados pelo seminal trabalho de Klammer anteriormente mencionado.

De todo modo, apesar destes trabalhos permitirem *insights* muito interessantes, não se pode ignorar que, até nos periódicos especializados em metodologia da economia, pouco tem sido escrito a partir da perspectiva retórica. Ao estudar o campo maior da retórica da ciência, Harris (1997) destaca quatro grandes tipos de trabalhos: a) Gigantes da ciência, que se volta à obra dos principais autores de uma determinada disciplina; b) Controvérsias em ciência, estudando as polêmicas entre especialistas; c) Ciência pública, dedicada às polêmicas que saem do âmbito dos especialistas e entram na arena pública; d) Escrevendo ciência, que se concentra nos textos e sua evolução (p.ex., analisando as diferentes versões de um trabalho, etc.). Entre eles, no mínimo o segundo e o terceiro tipos têm sido muito pouco trabalhados em economia.

5. Comentários finais.

Poderia se pensar que, como todo trabalho interdisciplinar, as dificuldades que a retórica da economia enfrenta surgem da necessidade de que seus praticantes sejam

¹⁵ As obras coletivas editadas por Rego (1996) e por Gala & Rego (2003) reúnem parte significativa de estes trabalhos.

especialistas em duas áreas bastante diferentes; ou seja, nem os especialistas em retórica teriam tempo e paciência para aprender o sofisticado instrumental, em grande parte formalizado, da economia (ortodoxa?) contemporânea, nem os economistas quereriam ter que mergulhar em toda a longa tradição, cheia de nomes gregos e de palavras difíceis, dos especialistas em retórica. Embora um fundo de verdade possa existir nessas afirmações, estamos vendo ao mesmo tempo surgir áreas como a neuroeconomia, que exigem a combinação de conhecimentos tão dessemelhantes, ou até mais do que aqueles que a retórica da economia exige. Esta explicação, assim, nos parece insuficiente.

Talvez o maior problema da retórica da economia é que não tem sido capaz de desenvolver o que seria denominado, nos termos de Kuhn, uma “ciência normal”. Muitos trabalhos diferentes na área mostram contribuições interessantes, mas não têm se constituído no que poderíamos enxergar como um paradigma, no sentido de um trabalho que possa ser considerado um modelo a ser imitado e replicado por outros. Veja-se que, paradoxalmente, Collier (2005) menciona que na maioria das áreas interdisciplinares em que a retórica tem sido aplicada, os trabalhos característicos são estudos de caso, bem adequados ao formato de teses ou de *papers*. Mas Collier menciona que falta, nesse excesso relativo de trabalhos monográficos, uma reflexão filosófica mais profunda. Esse problema pode ser certamente sério em outras áreas, mas é muito curioso que na economia esse risco pareça completamente afastado.

Falta para a retórica da economia justamente desenvolver esse caminho paciente, de construir uma escola com pesquisadores jovens, que se voltem a trabalhos menos ambiciosos mas sem dúvida essenciais. Não é viável na retórica da economia, e em nenhum campo da ciência em realidade, que existam mais pessoas querendo fazer as grandes sínteses do que construindo pouco a pouco a visão da escola. E acreditamos que se esse estilo de trabalho não se desenvolver, certamente os avanços neste campo dependerão de iniciativas isoladas que, por mais importantes que forem, terão sistematicamente muitas dificuldades para se reproduzir.

Referencias bibliográficas

- ALDRIGHI, Dante & Cleofas SALVIANO Jr. (1996). "A Grande Arte: a Retórica para McCloskey". In REGO, José Márcio, ed.: *Retórica na Economia*. São Paulo: Ed. 34, p.81-97.
- ANUATTI, Francisco (2003). "Persuasão Racional: uma análise do Esforço de Keynes na Formação de uma Opinião Favorável à Mudança nas Políticas Econômicas". In GALA, Paulo & José Márcio REGO, Eds., p.283-308.
- ARAUJO, Rejane F. (2006). *A dinâmica da argumentação em Schumpeter: um ensaio de análise retórica*. Dissertação: Mestrado em Economia, IPE/USP.
- ARIDA, Pérsio (2003) [1984]. "A História do Pensamento Econômico como Teoria e Retórica". In GALA, Paulo & José Márcio REGO, Eds., p.13-44.
- AUSTIN, J. L. (1975) [1955]. *How to do things with words*. Cambridge (MA): Harvard University Press
- BALAK, Benjamin (2006). *McCloskey's Rhetoric: Discourse Ethics in Economics*. London & New York: Routledge.
- BAZERMAN, Charles (1988). *Shaping Written Knowledge: the Genre and Activity of the Experimental Article in Science*. Madison: University of Wisconsin Press.
- BERNSTEIN, Richard (1983). *Beyond Objectivism and Relativism: science, hermeneutics and praxis*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- BIANCHI, Ana Maria (2002). "For Different Audiences, Different Arguments: Economic Rhetoric at the Beginning of the Latin American School". *Journal of the History of Economic Thought*, 24(3): 291-305.
- & Cleofas SALVIANO JR. (1999). "Raul Prebisch and the beginnings of the Latin American school of economics: a rhetorical perspective". *Journal of Economic Methodology*, 6 (3): 423-438.
- BIDERMAN, Ciro & Luis Felipe COZAC & José Márcio REGO (1996). *Conversas com economistas brasileiros*. São Paulo: Ed. 34.
- BITZER, Lloyd (1968) "The Rhetorical Situation". *Philosophy & Rhetoric*, 1 (1): 1-14.
- BOOTH, Wayne (1974). *Modern Dogma and the Rhetoric of Assent*. Chicago & London: University of Chicago Press.
- BROWN, Richard Harvey (1987). "Reason as Rhetorical: on Relations among Epistemology, Discourse and Practice". In Nelson *et al.*, p.184-97.
- CHOI, Young Back (1991). "An Interview with Arjo Klammer". *Methodus*, 3 (1): 131-7.

- CONLEY, T. M. (1994). *Rhetoric in the European tradition*. Chicago: University of Chicago Press.
- COLLIER, James H. (2005). "Reclaiming Rhetoric of Science and Technology: Knowing In and About the World". *Technical Communication Quarterly*, 14 (3): 295-302.
- COSGEL, Metin (1996). "Metaphors, Stories and the Entrepreneur in Economics". *History of Political Economy*, 28 (1): 57-76.
- COVINO, William A. & JOLLIFFE, David (1995). "What is Rhetoric?". In William Covino and David Jolliffe, eds., *Rhetoric: Concepts, Definitions, Boundaries*. Boston: Allyn and Bacon.
- DENIS, Andy (2004). "Two Rhetorical Strategies of Laissez-faire". *Journal of Economic Methodology*, 11 (3): 341-357.
- DIB, Darwin (2003), "A controvérsia do planejamento na economia brasileira: a retórica como instrumento de transmissão de crenças". In GALA, Paulo & José Márcio REGO, Eds., p.250-82.
- FERNÁNDEZ, Ramón G. & Huáscar PESSALI (2003). "Oliver Williamson e a Construção Retórica da Economia dos Custos de Transação". In GALA, Paulo & José Márcio REGO, Eds., p.205-229.
- FRANK, David A. (2004). "Argumentation studies in the wake of the *New Rhetoric*". *Argumentation & Advocacy*, 40 (4): 267-283
- FULLER, Steve (1993). *Philosophy, Rhetoric and the End of Knowledge: the Coming of Science and Technology Studies*. Madison: University of Wisconsin Press.
- GALA, Paulo (2003). "A Retórica na Economia Institucional de Douglass North". In GALA, Paulo & José Márcio REGO, eds., p.189-203.
- & José Márcio REGO, Ed (2003). *A História do Pensamento Econômico como Teoria e Retórica: Ensaio sobre Metodologia em Economia*. São Paulo: Ed. 34.
- & Danilo Araújo FERNANDES & José Márcio REGO (2006). "Pragmatismo e economia: elementos filosóficos para uma interpretação do discurso econômico". *Estudos Econômicos*, 36 (3): 637-661.
- GEORGE, David (1990). "The Rhetoric of Economic Texts". *Journal of Economic Issues*, 24 (3): 861-878.
- GILL, Ann M & Karen WHEDBEE (1997). "Rhetoric". In VAN DIJK, Teun (ed.), *Discourse as structure and process*. Londres: Sage, p. 157-184.

- GROSS, Alan G. (1996). *The Rhetoric of Science*. Cambridge (MA) and London: Harvard University Press, 2nd. Ed.
- HABERMAS, Jürgen (1975). *Problemas de legitimación en el capitalismo tardío*. Buenos Aires: Amorrortu.
- HARRIS, Randy Allen (1997). "Introduction". In Randy A Harris, ed., *Landmark Essays on the Rhetoric of Science: Case Studies*. Mahwah (NJ): Hermagoras Press, p. xi-xlv.
- HENDERSON, Willie & Tony DUDLEY-EVANS & Roger BACKHOUSE, orgs. (1993). *Economics and Language*. London & New York: Routledge
- HOUCK, Davis (2002). " 'It helps to be a Don if you're going to be a Deirdre': revisiting the Rhetoric of Economics". *Argumentation & Advocacy*, 39 (2): 130-140.
- KLAMER, Arjo (1984). *Conversations with Economists: new classical economists and opponents speak out the current controversy in macroeconomics*. Totowa (NJ): Rowman & Allanheld.
- KLAMER, Arjo (1990). "The textbook presentation of economic discourse." In Warren Samuels, ed. *Economics as Discourse: an analysis of the language of economists*. Boston: Kluwer, pp. 129-54.
- & Donald McCLOSKEY & Robert SOLOW, Eds. (1988). *The consequences of economic rhetoric*. Cambridge & New York: Cambridge University Press.
- LYNE, John (1998). "Knowledge and Performance in Argument: Disciplinarity and Proto-theory". *Argumentation & Advocacy*, 35 (Summer), 3-9.
- MÄKI, Uskali (1995). "Diagnosing McCloskey". *Journal of Economic Literature*, 33 (3): 1300-18.
- MANTEGA, Guido & José Márcio REGO (1999). *Conversas com economistas brasileiros, II*. São Paulo: Ed. 34.
- MCCLOSKEY, Deirdre N. (1983). "The Rhetoric of Economics". *Journal of Economic Literature*, 21 (2): 481-517.
- (1985). *The Rhetoric of Economics*. Madison: The University of Wisconsin Press.
- (1990). *If you're so smart: the narrative of economic expertise*. Chicago: University of Chicago Press.
- (1994a). *Knowledge and persuasion in economics*. Cambridge: Cambridge University Press.

- (1994b). "How Economists Persuade". *Journal of Economic Methodology*, 1 (1): 15-32.
- (1996). *The Vices of Economists, the Virtues of the Bourgeoisie*. Amsterdam: Amsterdam University Press.
- (2000). *How to be Human, Though an Economist*. Ann Arbor: Michigan University Press.
- MILBERG, William (1996). "The Rhetoric of Policy Relevance in International Economics". *Journal of Economic Methodology*, 3 (2): 237-259.
- & Bruce PIETRYKOWSKI (1994). "Objectivism, relativism and the importance of Rhetoric for Marxist Economics". *Review of Radical Political Economy*, 26 (1): 85-109.
- MIROWSKI, Philip (1988). *Against mechanism*. Totowa (NJ): Rowman & Littlefield.
- MONASTERIO, Leonardo M. & Ramón G. FERNÁNDEZ (2008). "Making rhetoric work: an analysis of the work of Robert Putnam". In CLIFT, Edward (ed.) *How Language is Used to Do Business: Essays on the Rhetoric of Economics*. New York: Edwin Mellen, p.183-204.
- NELSON, John & Alan MEGILL & D. N. McCLOSKEY, eds. (1987a). *The Rhetoric of the Human Sciences*. Madison and London: Univ. of Wisconsin Press.
- NIENKAMP, Jean (2001). *Internal Rhetorics: towards a history and theory of self-persuasion*. Carbondale & Edwardsville: Southern Illinois University Press.
- O'NEILL, John (1998). "Rhetoric, Science and Philosophy". *Philosophy of the Social Sciences*, 28 (2): 205-25
- PARK, Man-Seop & Serap KAYATEKIN (2000). "McCloskey, economics as conversation and *Sprachethik*". *Cambridge Journal of Economics*, 24 (4): 565-580.
- PERELMAN, Chaïm (1993) [1977]. *O Império Retórico: Retórica e Argumentação*. Trad. (port.) Fernando Trindade e Rui A. Grácio. Porto: Asa.
- & Lucie OLBRECHTS-TYTECA (1989) [1958]. *Tratado de la Argumentación*. Trad. (esp.) Julia Sevilla Muñoz. Madrid: Gredos.
- PESSALI, Huáscar (2006). "The rhetoric of Oliver Williamson's Transaction Cost Economics". *Journal of Institutional Economics*, 2 (1): 45-65.
- & Ramón G. FERNÁNDEZ (2008). "Negotiating Transaction Cost Economics: Oliver Williamson and his audiences". In CLIFT, Edward (ed.) *How Language is Used to Do Business: Essays on the Rhetoric of Economics*. New York: Edwin Mellen, p.135-62.

- RAMAGE, John; John BEAN & June JOHNSON (2003). *Writing Arguments: a Rhetoric with Readings*. New York: Pearson-Longman, 6ª ed.
- REGO, José Márcio, ed. (1996). *Retórica na Economia*. São Paulo: Ed. 34.
- RORTY, Richard (2006). *Take care of freedom, and truth will take care of itself: interviews with Richard Rorty*. Stanford (CA): Stanford University Press.
- SAMUELS, Warren J., org. (1990). *Economics as Discourse: an Analysis of the Language of Economists*. Boston: Kluwer.
- TOULMIN, Stephen (1990). *Cosmopolis: the hidden agenda of modernity*. Chicago: University of Chicago Press.
- (2001). *Return to Reason*. Cambridge (MA) & Londres: Harvard University Press.
- VIEIRA, José Guilherme (2007). “O discurso de Keynes: retórica na Teoria Geral”. *Anais do XII Encontro Nacional de Economia Política*, São Paulo, junho de 2007 (CD-Rom).